

## *Dar um Cheirinho no Travão ou Morfologia na Mira Cognitiva*

*Hanna Jakubowicz Batoréo*

Universidade Aberta

Departamento de Língua e Cultura Portuguesas

Lisboa

Ao João Borrega  
Ao Manuel Goulão

A abordagem a seguir apresentada procura responder ao desafio colocado pelo tema: *Novos Caminhos em Morfologia*, em que se procura reflectir que tipo de perspectivas colocam a Linguística Cognitiva e a Psicolinguística à Morfologia e à sua inter-relação com outras componentes da Gramática.

A reflexão proposta centrar-se-á na área tradicionalmente abrangida pela morfologia derivacional e – muito particularmente – no Diminutivo e nos seus usos evidenciados na Produção e no Processo da Aquisição do Português Europeu, particularmente no discurso narrativo (Batoréo, 1996/2000; Morais, 2000, 2002; Batoréo & Morais, 2002). Apresentar-se-ão usos avaliativos do diminutivo nas suas vertentes afectivas de apreciação, depreciação, relativização e aproximação (Silva, ms. a publicar; Novais, 2002), tendo em conta os mecanismos clássicos de mudança conceptual e semântica, designadamente a metáfora (Lakoff e Johnson, 1980) e a metonímia (Barcelona, 2000; 2002).

O estudo dos valores qualitativos dos diminutivos em Português não constitui um tema novo. Vários autores, tal como Rodrigues Lapa (1974), já abordavam o assunto do ponto de vista estilístico. Nos últimos anos, surgiram, igualmente, diversos estudos aprofundados dentro da área da Morfologia (p.ex. os de Rio-Tinto, 1993, entre outros,) que se debruçaram pormenorizadamente, também, sobre este tema. Lembremos, aqui, que “[em Linguística] morfologia foi desde logo empregue, especificamente, no sentido tradicional de análise de formas que as palavras de uma língua podem assumir. (...) A morfologia analisa, então, as formas das palavras, ou melhor, as alterações sistemáticas, na forma das unidades, alterações essas que estão relacionadas com mudanças no sentido das mesmas (...) É uma disciplina linguística que tem a palavra por objecto e que estuda, por um lado, a sua estrutura interna, a organização dos seus constituintes e, por outro, o modo como essa estrutura reflecte a relação com outras palavras que parecem estar associadas a ela de uma maneira especial.” (Azuaga, 1996: 215-216, sublinhados nossos).

O que nos faz voltar a abordar o assunto dos valores qualitativos dos diminutivos é um enquadramento teórico diferente – a Linguística Cognitiva – e uma metodologia linguística alternativa – metodologia Psicolinguística da análise dos corpora –, tendo por objectivo um estudo semântico e pragmático alargado, relativo à produção dos diminutivos no Português Europeu do dia-a-dia.

Pela negação da abordagem da linguagem na linha saussureana como “sistema autónomo” – tal como exemplificada na definição acima citada de Morfologia – ou, na linha chomskiana, como “faculdade autónoma”, a Linguística Cognitiva opõe-se aos paradigmas linguísticos anteriores: o estruturalismo e o generativismo. Consequentemente, rejeita os postulados da linguística moderna decorrentes do princípio de autonomia, tais como, p.ex., a separação entre o conhecimento semântico (= linguístico) e enciclopédico (= não-linguístico). Resulta daí a rejeição da separação entre a significação linguística ao nível do sistema e o conhecimento do Universo de Referência, isto é, o conhecimento do mundo em geral, rejeição que confere a esta abordagem um carácter englobante de cariz cognitivo que considera a linguagem como “um sistema de conhecimento”. Em particular, os estudos cognitivos mostram que a conceptualização dos domínios abstractos é feita, geralmente, em termos metafóricos a partir de domínios concretos e familiares – como, p.ex. o domínio espacial –, o que constitui um argumento forte a favor da teoria não-autonomista da linguagem. São, assim, temas principais da Linguística Cognitiva: (i) as características estruturais da categorização linguística (prototipicidade, polissemia, modelos cognitivos, metáfora e imagens mentais), (ii) os princípios funcionais da organização linguística (iconicidade e naturalidade), (iii) a interface conceptual entre a sintaxe e a semântica, (iv) a base pragmática ligada à experiência da linguagem-no-uso e (v) a relação entre a linguagem e pensamento, ligada à (vi) abordagem da questão do relativismo vs. universais conceptuais (Cf. Silva, 1997).

Para exemplificar a perspetivação acima referida observemos a expressão ‘*Dar um Cheirinho no Travão*’.

Segundo uma abordagem linguística não-cognitiva, tratar-se-á de uma expressão fixa (ou idiomática), isto é, uma expressão linguisticamente não transparente, cujo sentido não pode ser deduzido da soma dos significados dos seus elementos constituintes. Um estrangeiro que está a aprender o Português e não conhece ainda a expressão, pode ser levado a deduzir – numa tentativa de interpretação “transparente” – que é preciso deitar um líquido qualquer (criando uma imagem mental de um líquido com cheiro muito marcado, agradável ou desagradável) “por cima” dos travões para, p.ex., facilitar a exploração do sistema da travagem. Esta dedução será efectuada por analogia às imagens semi-transparentes que existem por trás das expressões do tipo “cheirinho no café”. Levado pela imagem do líquido cheiroso nunca irá interpretar correctamente a expressão, visto esta ter cristalizado e perdido totalmente a sua aparente transparência. O facto de a expressão conter uma metáfora vista na qualidade de figura de estilo também não facilita o conhecimento que a expressão transmite, por um lado, e exige, por outro, daqueles que a queiram aprender. Àqueles restam apenas processos mnemónicos para fixar a expressão na

sua totalidade enquanto um todo inexplicável, sem procurar entender donde vem o “cheiro” e por quê surge o emprego do diminutivo numa palavra que dificilmente pode ser concebida como ‘maior’ ou ‘mais pequena’.

No entanto, e utilizando o instrumentário explicativo da Linguística Cognitiva, a análise efectuada pode ir muito além do estritamente linguístico, explorando o conhecimento enciclopédico que o falante tem do seu Universo de Referência. O que está na base desta análise é um dos princípios base da Teoria – tal como atrás indicado – isto é, a conceptualização dos domínios abstractos feita, geralmente, em termos metafóricos a partir de domínios concretos e familiares. A metáfora não é aqui entendida como uma figura de estilo pertencente a um registo rebuscado ou erudito, mas como um instrumento de conceptualização do nosso quotidiano (Lakoff e Johnson, 1980). O domínio concreto que serve como o ponto de origem para tal processo está situado no mundo concreto e familiar do dia-a-dia: o mundo sensorial ou, perspectivado de um modo ainda mais “primário”, de origem corporal e sintestésica. Na nossa linguagem de todos os dias, a expressão *cheirar a uma coisa*, tal como *cheirar a alecrim*, evoca a memória olfativa agradável relacionada com uma planta específica. Esta relação pode ser criada, por extensão, não apenas com uma planta cheirosa, mas, por exemplo, com um “construto” conceptual a que a nossa memória colectiva atribui um cheiro específico: *cheiro a Lisboa*. Repare-se que esta memória colectiva não é unívoca: para os que a conhecem, Lisboa pode ‘cheirar a alecrim’ um dia, enquanto, num outro, o cheiro é claramente ‘a castanhas’, conhecimento “do mundo” transmitido, aliás, fielmente pelas cantigas populares de Lisboa. Do ponto de vista linguístico, estamos, aqui, perante uma metonímia que nos permite criar uma relação de causalidade entre a origem do cheiro (uma planta, o assar das castanhas na rua, etc.) e a entidade colectiva que retoma simbolicamente estas características e as “incorpora” (uma cidade, tal como, metonimicamente, os habitantes desta cidade enquanto a “instanciação” desta).

Repare-se, no entanto, que é raro referirmo-nos, nestes casos, puramente a um ‘cheiro’. A palavra utilizada, neste contexto, vem, normalmente, marcada morfológicamente pelo sufixo diminutivo mais produtivo em Português Europeu *-inho*: ‘cheirinho’. É curioso verificar que, em princípio, a palavra ‘cheirinho’ refere um ‘cheiro aromático suave e agradável’ ou ‘um produto preparado à base de essências aromáticas’ (= ‘perfume’), podendo, no entanto, ser equivalente, pelo contrário, a ‘mau cheiro’, ‘cheirete’ (= ‘fedor’), estando, assim, na origem de aspectos avaliativos contrários. Isto significa que podemos atribuir ao diminutivo tanto uma avaliação apreciativa como depreciativa, atenuativa como intensiva (Silva, ms. [a publicar] e Novais, 2002). Na conceptualização do diminutivo, o domínio de origem da metáforização está, tal como no caso do ‘cheiro’, situado no mundo concreto e familiar do dia-a-dia: a dimensão espacial e, mais concretamente, a ‘pequenez’ das entidades perante a qual, curiosamente, o falante pode tomar atitudes diversificadas e, até, opostas.

Observe-se que, numa abordagem cognitiva, os usos contrastados podem ser metaforizados em dois modos opostos, conforme a perspetivação do evento.

Utilizando, numa primeira etapa, a metáfora do holofote (proposta por Geerearts, 1993), destacamos uma determinada parte do domínio da sua aplicação. “Iluminando” partes diferentes do mesmo domínio, destacamos duas metáforas básicas do domínio da pequenez. A primeira metáfora destaca a centralidade prototípica da pequenez no diminutivo: “O QUE É CENTRAL É PEQUENO”, isto é, o que é central só pode ser visto na sua essencialidade, tendo eliminado o que é não-essencial ou periférico. A segunda metáfora, pelo contrário, destaca a periferia: “O MARGINAL É PEQUENO”, já que uma entidade incompleta ou periférica tende a ser percebida como mais pequena do que uma entidade completa ou central por lhe faltarem partes desta. Esta dualidade acaba por ser incorporada numa análise global de cariz cognitivo: “O diminutivo em português constitui, pois, tal como a estrutura de outras categorias, assim explicada e representada pela semântica cognitiva, uma categoria prototípica experiencialmente fundamentada e caracterizada por uma estrutura radial e multidimensional de sentidos ligados entre si por *parecenças de família* e determinadas relações semânticas. No centro desta categoria está o sentido espacial de ‘pequenez’ ou ‘diminuição de tamanho’ – o protótipo (específico) do diminutivo – e, secundariamente, o reforço ou ‘explicação’ deste sentido, mas estão também outras ‘diminuições/explicações’ metafórica ou metonimicamente derivadas, que partilham do mesmo atributo genérico ‘pequenez (em alguma dimensão)’. Deste centro, dimanam os vários sentidos ‘avaliativos’, os *meta-semânticos*, quer a função (periférica) de ‘figuração’ quer a discursivo-pragmática de ‘interacção’ e, numa zona mais periférica, os usos quase sempre lexicalizados que cumprem a função de ‘formação de entidades’. Mas uma estrutura não apenas radial como essencialmente multidimensional: entre outras, e já no centro da categoria, a dimensão do domínio ou escala de diminuição e a do reforço ou explicação da diminuição, a dimensão referencial ou denotativa e a subjectiva e conotativa e, dentro desta, a emotiva e a discursivo-pragmática. Consequentemente, determinado sentido pode resultar da combinação de duas ou mais dimensões e, inversamente, uma destas dimensões pode entrar em diferentes sentidos do diminutivo. E, consequentemente, também, os diferentes sentidos do diminutivo entrecruzam-se e sobrepõem-se (...). Finalmente, uma estrutura baseada no nosso conhecimento experiencial e em mecanismos próprios desse conhecimento: é a relativa pequenez do referente e são as diferentes atitudes dos falantes em relação a pequenos referentes que motivam o desenvolvimento de diminutivos explicativos, avaliativos e pragmáticos. E, por tudo isto, uma estrutura semântica não só rica e complexa como suficientemente coerente e, assim, capaz até de conciliar sentidos opostos.” (Silva, a publicar, ms. 20-21).

Na nossa expressão em análise: ‘*Dar um Cheirinho no Travão*’ a metáfora interpretativa do diminutivo é a de pequenez, ou seja, “O QUE É CENTRAL É PEQUENO”. Esta metaforização é de tal modo forte que esbate a carga semântica inicial do ‘*cheiro*’, levando à sua deslexicalização. ‘*O cheirinho*’ deslexicalizado passa a equivaler, semanticamente, a outras expressões com diminutivos que correspondem à metaforização de pequenez: ‘*um bocadinho*’, ‘*um nadinha*’, ‘*um*

*nadinha de nada*, *'um niquinho de nada'*, etc. Esta deslexicalização leva à desreferencialização (perde-se a referência ao domínio de origem sensorial: o cheiro) e à intensificação avaliativa subjectiva (= um carregar suave no travão, cuja "suavidade" é variável: varia de indivíduo para indivíduo). "Na semântica do diminutivo em português, observam-se várias manifestações destas tendências. Primeiro, a extensão do significado central 'pequeno' para os sentidos 'avaliativos' está de acordo com a tendência (...) [segundo a qual] um significado denotativo que descreve uma dimensão física e espacial dos objectos do mundo real passa-se a um significado conotativo baseado na avaliação (ainda mais) subjectiva que o falante faz dessa dimensão externa. Esta desreferencialização é também um caso de subjectificação (...): essas avaliações afectivas e outras têm a ver (e veiculam) atitudes ou crenças do falante face a pequenez." (Silva, ms. a publicar: 18).

Assim, numa interpretação conotativa, chegamos a: *'dar um cheirinho no travão'* quando queremos *'dar "um niquinho de nada"'* (de força, de carga, de peso, de pressão, etc.) *no travão'*, ou seja, literalmente falando: *'travar um pouco'*. Em vez de nos expressarmos de um modo tão prosaico, optamos por uma imagem, um esquema imagético que evoca o mundo sensorial dos cheiros para depois o abandonar e, de um modo subjectivo, transmitir a necessidade de intensificação de um evento. Assim, o nosso dia-a-dia surge conceptualizado metaforicamente (Cf. Lakoff e Johnson, 1980), em que o olfacto e o tacto, numa vertente de apreciação e aproximação traduzida por uma estratégia morfológica (diminutivo), criam uma poética expressiva natural e frequente da nossa vida quotidiana.

Para apreciar o *uso corrente, frequente e extremamente diversificado dos diminutivos* no nosso dia-a-dia recorreremos aos *corpora linguísticos*. De acordo com a *Metodologia Psicolinguística do estudo da Produção e Aquisição da Linguagem*, só os *corpora* recolhidos de um modo controlado quanto às variáveis pertinentes do ponto de vista psicosociolinguístico (tais como idade, sexo, meio socio-profissional, atitude avaliativa do falante, etc.) nos permitem, à partida, uma recolha fiável de dados linguísticos quanto à sua frequência e uso corrente (Cf. os estudos de p. ex. Faria, Batoréo e Morais, entre outros). "Alguns autores tinham apontado subjectivamente aspectos relacionados com eventuais opções a nível do léxico, remetendo em geral para aspectos socialmente estereotipados, como a expressão de diminutivos ou, ainda, com a ideia tradicionalmente instalada de que as mulheres são tagarelas e, como tal, tenderiam a falar mais do que os homens. Num estudo anterior (Faria, I. H. 1978, tese de M. Sc. Institute of Education, Londres, não publicada) tais aspectos tinham-se já revelado como inconsistentes, a partir de uma análise de transcrições obtidas pelo grupo do *Português Fundamental*. A frequência de diminutivos, por exemplo, aparecia correlacionada com o estatuto sócio-profissional, no sentido de, quanto mais baixo era o estrato do sujeito, mais frequente era a utilização de diminutivos, com incidência no léxico referente aos meios e instrumentos utilizados para a respectiva actividade produtiva. A esse nível foi considerada a importância da proximidade, da relação mais simples ou directa, de 'intimidade' com a base material

de produção, relação essa que permite a um pescador falar do seu 'barquinho', a um merceiro falar da 'continha', ou a uma mãe falar do seu 'pequerrucho'. Estas observações apontavam definitivamente para a necessidade de pôr em questão o senso comum, no que respeitava à consideração das variáveis 'sexo' e 'estrato sócio-profissional', no plano sociolinguístico." (Faria, 1992: 256):

Para ilustração destes fenómenos repare-se nos exemplos ilustrativos provenientes do Corpus Batoréo 1994 (em: Batoréo 1996/ 2000).

• Batoréo (1996/2000) – Falante adulto de sexo masculino

@Begin

@Participants: MAN ManuelEduardoCH Adult INV Hanna Batoréo Investigator

@Age of MAN: 37;

@SES of MAN: médio

@Education of MAN: 16 (licenciado)

@Sex of MAN: masculino

@Filename: CAD04MP.CHA

@Date: 22-DEZ-1991

@Situation: em laboratório

@Activities: contar duas histórias

@Location: Lisboa, Portugal

@Coder: Adélia Reis/Isabel Mascarenhas/ Hanna Batoréo/ Rita Veloso/ Catarina Moraes (Set 1994)

@Stim: visual

@Comment: Origin of MAN: Bragança

\*MAN: uh -: # um passarinho # estava no seu ninho <com os seus filhos> [//] com os seus filhotes # e quando se abandonava para naturalmente ir a procura de comida p(a)r(a) os filhos um gato aproxima~se # do -: tronco da Arvore e começa a olhar para o ninho ## naturalmente com intenções # pouco honesta(s).

%com: se abandonava [=? o abandonava].

\*MAN: # uh -: <o -: > [/] o gato # entretanto uh -: a ave mãe <já tinha saído # do ninho> [//] já tinha saído da Arvore # o gato tenta trepar p(e)l(a) Arvore acima # e -: ao mesmo tempo aproxima~se um cão # quando o gato estava a tentar &tre trepar p(e)l(a) Arvore acima.

\*MAN: uh -: o cão # apercebendo~se dos intentos do gato que era # comer os -: passarinhos # uh -: tenta impedir que o gato chegue ao ninho puxando~lhe p(e)lo rabo ## uh -: <no momento> [//] no justo momento em que a mãe # dos passarinhos chega com comida no bico <para> [/] p(a)ra eles # .

\*MAN: entretanto # o gato # perante # a chegada da mãe # e a insistência do cão # foge.

@End

• Batoréo (1996/2000) – Falante adulto de sexo feminino

@Begin

@Participants: RIT RitaHC Adult INV Hanna Batoréo Investigator

@Age of RIT: 25;

@SES of RIT: médio

@Education of RIT: 15

@Sex of RIT: feminino

@Filename: CAD06FP.CHA

@Date: 8-JUN-1992

@Situation: em laboratório

@Activities: contar duas histórias

@Location: Lisboa, Portugal

@Coder: Hanna Batoréo/ Rita Veloso/ Catarina Moraes (Set 1994)

@Stim: visual

@Comment: Origin of RIT: Lisboa

\*RIT: (es)tá um passarinho em cima <de> [/] de um ninho na Arvore # com mais passarinhos pequeninos ao pé #.

\*RIT: a mãe+passarinho voa p(ar)a fora # e o gato que (es)tá cá em baixo fica a olha(r) p(ara) O ninho #.

\*RIT: depois começa a subir a Arvore # mas vem um cão e puxa~lh(e) a cauda #.

\*RIT: e entretanto cheg(a) A mãe+passarinho com minhocas p(ara) As crianças # enquanto o cão expulsa o gato d(e) ali p(ar)a fora #.

@End

• Batoréo (1996/2000) – Falante adulto de sexo masculino

@Begin

@Participants: MAN ManuelEduardoCH Adult INV Hanna Batoréo Investigator

@Age of MAN: 37;

@SES of MAN: médio

@Education of MAN: 16 (licenciado)

@Sex of MAN: masculino

@Filename: HAD04MP.CHA

@Date: 22-DEZ-1991

@Situation: em laboratório  
 @Activities: contar duas histórias  
 @Location: Lisboa, Portugal  
 @Coder: Adélia Reis e Isabel Mascarenhas/  
 Hanna Batoréo/ Rita Veloso/ Catarina Moraes (Set 1994)  
 @Stim: visual  
 @Comment: Origin of MAN: Bragança  
 \*MAN: num campo # um cavalo # andava a pastar # e de repente  
 encontrou # <uma> [/] uma sebe ## e -: quis saltar para o  
 outro lado da sebe #.  
 \*MAN: acontece que a sebe era bastante alta ele não conseguia  
 assim facilmente # do outro lado da sebe havia # # uma vaca # e # <uh -:  
 a> [=? a -: a] descansar em cima # da sebe um passarinho # .  
 %com: ter em atenção o contexto.  
 \*MAN: <o gato <o> [/] o ai@i perdão> [//] o cavalo # uh -: continuando  
 com a sua intenção de saltar para o outro lado da sebe uh -: #  
 dá uma corrida # e -: # tenta saltar a sebe mas # ao saltar # caiu # e <ficou>  
 [/] ficou ferido # saltou a sebe mas ficou ferido # .  
 \*MAN: os presentes que eram como já vimos a vaca e o passarinho # uh -:  
 foram imediatamente socorrer o cavalo # quer dizer o passarinho foi buscar  
 uma mala <com> [/] com -: uh artigos de farmácia # sei lá # deve ser # e a  
 vaca fez ali mesmo o curativo # A pata do cavalo que naturalmente estava  
 partida.  
 @End

Uma das áreas mais ricas quanto ao uso dos diminutivos é a linguagem dirigida às crianças, denominada na área dos estudos da *Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem* por “*maternalês*” (a corresponder ao ‘motherese’ inglês). Os exemplos a seguir apreciados vêm do corpus de Dília Ramos Pereira, recolhido em 1992, evidenciando a subjectividade do falante quanto à noção prototípica da pequenez, mostrando as vertentes de afecto, de avaliação, de intensificação, etc. – frequentemente em empregos simultâneos e cruzados –, utilizados pelas pessoas que tomam conta das crianças (não necessariamente mães) em relação à gente (nem sempre muito) pequenina:

- MEU PEQUENINO,
- MEU PEQUENININHO
- PORCALHÃOZINHO!!
- É UM HOMENZINHO PEQUENINO, É UM HOMEM PEQUENINO DA MAMÃ!
- É A MINHA VELHINHA TONTA!
- QUER UMA CHUCHINHA UM POUQUINHO?
- GOSTA MUITO DE DAR ABRACINHOS, NÃO GOSTA FOFO?
- DÁ UM BEIJINHO À MÃE! VEM CÁ PRETINHO!



- TU ESTÁS PEQUENININHA?
- É A TUA BARRIGUINHA?
- É O AMORZINHO DA MAMÃ?
- JÁ ESTÁ LAVADINHA!
- ESTÁ TÃO FOFINHO O MEU ANDRÉ!
- O HOMEM É PEQUENINO!
- ÉS UMA PATINHA
- GOSTA DE BEIJINHOS, GOSTA DE BEIJINHOS DA MAMÃ!
- AI QUE BONITINHA QUE A MÃE ESTÁ, MUITO BONITINHA!
- TEM FOMINHA? TEM? A VÂNIA NÃO QUER CENOURINHA?
- ESTÁ A VER O PASSARINHO, JOJÓ?
- A MARIANA JÁ SABE COMER SOZINHA, NÃO SABE FILHA. PARECE UMA LAGARTINHA PEQUENINA.
- AGORA ESTÁ COM FOMINHA.
- AI, AGORA ESTOU A FICAR COM SONINHO!
- É UM HOMENZINHO PEQUENINO!
- É O MEXILHÃOZINHO DA PRAIA!

(Exemplos de Pereira, 1992: 11)

Com os exemplos recolhidos dos *corpora* acima apresentados procurámos responder ao desafio que nos propusemos à partida: contribuir para traçar novos caminhos em Morfologia, mostrando como a Linguística Cognitiva e a Psicolinguística, no Estudo da Produção e da Aquisição da Linguagem, colocam novos problema à Morfologia e à sua inter-relação com os demais componentes da Gramática, tais como a Semântica e a Pragmática.

### Referências Bibliográficas:

- AZUAGA, L.(1996). "Morfologia" em: Faria, I. H. & al. (org.) (1996). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- BATORÉO, H. J. (1996/2000). Contribuição para a Caracterização da Interface: Expressão Linguística – Cognição Espacial no Português Europeu. Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocadas, PhD Dissertation, Lisbon University, Lisbon, 1996.
- Publicada como: *Expressão do Espaço no Português Europeu. Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*, Fundação Calouste Gulbenkian, Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, 2000.
- BATORÉO, H. J. & A. J. B. de MORAIS (2002). "Acquisition Aspects of Evaluation Processes in European Portuguese Oral Natural and Elicited Narratives", apresentado em: 9<sup>th</sup> Congress International Association for the Study of child Language, University of Wisconsin, Madison, Wisconsin, Estados Unidos de América.
- BARCELONA, A. (ed.) (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads. A Cognitive Perspective*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter.

- BARCELONA, A. (2002). "Metonymy as a Multilevel Phenomenon in Usage Events", comunicação apresentada em: *Mind, Language and Metaphor, Euroconference on Consciousness and the Imagination*, Kerkrade, Holanda, 20-24 de Abril, 2002.
- FARIA, I. H. (1992). *Para a Análise da Variação Sócio-Semântica*, Lisboa: INIC, Linguística –13.
- GEERAERTS, D. (1993). "Vagueness's puzzles, polysemy's vagaries", *Cognitive Linguistics* 4-3, 223-272.
- LAFOFF, G. & M. JOHNSON (1980), *Metaphors we Live By*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LAPA, R. M. (1974). *Estilística da Língua Portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora Lda [10ª edição revista e alargada].
- MORAIS, A. J. B. de (2000). "Task-based Materials Development: an Example of the Expression of Modality in European Portuguese as a Second Language" poster apresentado em: *The Structure of Learner Language, EuroConference on Informational Structure, Linguistic Structure and the Dynamics of Acquisition*, San Feliu de Guixols, Spain, 7-12 October 2000.
- MORAIS, A. J. B. de (2002). *O Género Narrativo em Interações Oraís Autênticas: Contributo para o Ensino/Aprendizagem do Português Europeu como Língua Não-Materna*, Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Lisbon, 2002
- NOVAIS, A. A. A. (2002). *Para a Semântica do Diminutivo: Análise Cognitiva do Sufixo -inho*, Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Braga, 2002.
- PEREIRA, D. R. (1994). "'Meu Pequenino, meu Pequeninho Porcalhãozinho' Os Diminutivos na Linguagem das Mães", *RILP*, 11, 9-12.
- RIO-TORTO, M. G.(1993). *Formação de Palavras em Português. Aspectos de Construção de Avaliativos*. Dissertação de Doutoramento, Coimbra, Faculdade de Letras de Coimbra.
- SILVA, A. Soares da (1997), "A Linguística Cognitiva. Uma Breve Introdução a um Novo Paradigma em Linguística", *Revista Portuguesa de Humanidades* 1, 59-101.
- SILVA, A. Soares da (1999), "A Semântica do Objecto Indirecto em Português: um Espaço Cognitivo Multidimensional", *Revista Portuguesa de Humanidades* 3, 63-99.
- SILVA, A. Soares da (2001). "Da Semântica Cognitiva à Fonologia: a Polissemia da Entoação Descendente e Ascendente", em: *Actas do XVII Encontro Nacional da APL (FLUL; Lisboa, 2-4 de Outubro)*.
- SILVA, A. Soares da, "A Estrutura Semântica do Diminutivo em Português", em: *Volume de Homenagem ao Professor Jose G. Herculano de Carvalho*, Faculdade de Coimbra (a publicar).
- STOEL-GAMMON, C. (1976). "Baby talk in Brazilian Portuguese", *Papers and Reports on Child Language Development*, 11, 83-88.
- WIERZBICKA, A. (1984) "Diminutives and Depreciatives: Semantic Representation for derivational Categories", *Quaderni di Semantica*, 5, 123-130.